

A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA EM “*BOULE DE SUIF*”

Clarissa Navarro Conceição LIMA*
Fani Miranda TABAK**

RESUMO: Focalizando a personagem feminina do conto “*Boule de Suif*”, publicado por Maupassant dez anos após a Guerra franco-prussiana, em 1880, encontramos uma relação peculiar entre o fato de se tratar de uma cortesã e sua função na obra, ligada à política, à religião, aos valores de heroísmo e ao comportamento que estabelece. Interessa-nos particularmente a ironia que constitui a personagem, a hipocrisia incrustada na sociedade da época, e alguns símbolos que envolvem a sua construção. Para tanto, contamos com o apoio de algumas teorias já conhecidas, como a análise e o aprofundamento teórico de *Ironia e o irônico*, de Muecke; *Teoria do Romance*, de Lukács; e *Conceitos de crítica e História da crítica moderna*, de Wellek, ainda que nosso trabalho enseje um olhar que destaca a função da personagem feminina como teia que entrelaça as relações presentes na obra.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura francesa. Maupassant. Personagem. Ironia. Historiografia.

Introdução

A historiografia literária, ao perscrutar aspectos biográficos relativos ao escritor francês Guy de Maupassant, acentuou o fato de que este realizara um antigo sonho de sua mãe, ao tornar-se um grande escritor que marcaria a literatura mundial por uma crítica social ácida e pela poética realista de sua

* Mestranda em Estudos Literários. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Araraquara – SP – Brasil. 14800-900. clarissa_cla@hotmail.com

** Pós-Doutora pela Universidade de Nottingham, Reino Unido. Doutora em Estudos Literários. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Araraquara – SP – Brasil. 14800-90. Professora Adjunta. UFTM – Universidade Federal do Triângulo Mineiro – Uberaba – MG – Brasil. 38025-180. – fanitabak@yahoo.com.br

escrita. Relata-se que o autor, certa vez, aos nove anos de idade, escrevera à sua mãe: *“J’ai été premier en composition”*. Laure, responsável por inculcar-lhe o gosto pela poesia e desejosa de que seu filho se tornasse escritor, tal qual seu irmão Alfred e seu amigo Flaubert, logo acreditou que isso fosse possível: *“Ah! pense Laure, s’il pouvait, lui aussi, devenir écrivain!”* (TROYAT, 1989, p.14). Se o sonho de Laure se realizou para si nunca saberemos, mas é fato que Maupassant, diferenciando-se dos programas realista e naturalista, preocupou-se não só em dissecar o mundo e os indivíduos, mas também em delatar uma realidade amparada em opiniões que se adensam na natureza humana. Entre tantas obras onde é possível encontrar o seu olhar sobre a massa humana, uma particularmente nos interessa aqui.

O seu famoso conto *“Boule de Suif”* [Bola de Sebo], publicado em 1880, na coletânea dos “Saraus de Médan”, encontra-se entre outros que possuem um tema em comum, a Guerra de 1870 vivida pela França. Tendo como personagem principal Élisabeth Rousset, uma cortesã de estrutura física e mental peculiares e mais conhecida pelo seu apelido Boule de Suif [Bola de Sebo], o conto desdobra uma anti-heroína com uma história repleta de ironia e hipocrisia.

A trama histórica de *“Boule de Suif”* retrata um período de inverno rigoroso em que a França se encontrava sob a invasão prussiana. As ações acontecem em cinco dias, e é somente devido à circunstância em que se encontra o país que as personagens têm o seu momento de encontro. O clímax da narrativa é confiado ao sacrifício da prostituta ao ceder sua companhia a um oficial prussiano, podendo assim salvar seus companheiros de viagem. As personagens secundárias da diligência são caracterizadas como duplas e cada par representa a classe social a que pertence. Somente duas personagens são caracterizadas separadamente: Boule de Suif e Cornudet, que revelam desviar-se de uma ordem moral tradicional.

O interesse pela guerra franco-prussiana, à qual o autor se refere no conto *“Boule de Suif”* [Bola de Sebo] e em outros contos, provavelmente está ligado ao impacto que a ação militar teve sobre ele. Segundo Troyat (1989), Maupassant, com apenas vinte anos, voluntariou-se para a guerra e foi-lhe deferida a função de escrivão (*commis aux écritures*). Depois de seguir o movimento e presenciar a odiosa invasão alemã, ele implora ao seu pai para sair, e este lhe consegue um substituto para o seu posto. O jovem escritor vivenciou por um curto período as atrocidades dos embates, mas logo expressou um verdadeiro sentimento de horror à guerra, aos militares e políticos responsáveis pelo desastre e aos prussianos invasores. De acordo com Pogolotti (1974, p.11): *“[...] de su*

experiencia militar muy breve extraerá sobre todo el aprendizaje de muchas miserias humanas.”

A experiência vivida trará uma verossimilhança peculiar à sociedade que retrata e aos momentos históricos que presenciou, acirrando-o na crítica social, lapidando sua ironia fina e ácida.

Definindo-se como um “demolidor” de paradigmas burgueses e ideias preconcebidas, segundo Neves (2012, p.9), o autor não poupa críticas à sociedade hipócrita e mesquinha, escavando todas as suas instâncias, da baixa burguesia à aristocracia, da alta burguesia aos miseráveis, sem se esquecer do clero e das demais instituições religiosas. Apesar de serem todos burgueses, os escritores do grupo ao qual Maupassant estava ligado tinham uma visão de mundo engajada na denúncia da sociedade hipócrita da época, reagindo contra a vida burguesa e delatando uma realidade infame. Como afirma Pogolotti (1974, p.18), para muitos escritores da época, “[...] *los empeños reformistas, la preocupación más o menos paternalista por lo ‘social’, la especulación utópica acerca de las posibilidades de una sociedad más justa [...]*” traziam uma condição implícita e indispensável, ligada ao “pacto de classes”. É, portanto, característica de Maupassant e de seus contemporâneos a retirada das máscaras do invólucro social, trazendo para a literatura uma tradição longínqua nos personagens “baixos”, tratando de temas desagradáveis e, por fim, desnudando correntemente sob um olhar pessimista a natureza humana.

O pessimismo em “Boule de Suif”

Em 1870, no início do grande conflito franco-prussiano, a Alemanha estava dividida entre a Áustria e a Prússia; na Áustria ainda existiam várias línguas e populações, enquanto a Prússia já era essencialmente germânica. Era a Prússia, portanto, a encarregada de unificar o império, segundo os estudos de Souto Maior (1974). Guilherme I, até então imperador, nomeou Bismarck o embaixador da Prússia na França; como ministro, Bismarck anuncia no Parlamento que as “[...] grandes questões da sua época não seriam resolvidas com discursos e votos de maioria, e sim, com sangue e ferro.” (SOUTO MAIOR, 1974, p.365). As ideias de Bismarck não estavam isoladas e a ditadura na Prússia tem início.

A resistência contra a hegemonia da Prússia não tardou a evidenciar-se, posto que os estados da Alemanha do Sul não estavam satisfeitos com Bismarck. Mas ele consegue uni-los para lutar contra a França pelo controle da Alsácia-

Lorena. Napoleão e o rei da Prússia, Guilherme I, não desejavam o conflito, mas Bismarck viu nele uma maneira de unir os estados da Prússia. A guerra franco-prussiana começou em julho de 1870 e terminou em maio de 1871, o que determinou, nas palavras de Souto Maior (1974, p.366), a “última etapa da unificação alemã”.

A guerra teve início algum tempo depois de uma adulteração feita por Bismarck em uma carta do imperador da Prússia, em que este parecia insultar o povo francês. Apesar dos motivos e fatores complexos da guerra, o ato de Bismarck foi considerado como a “gota d’água” e um marco no conflito. De acordo com o historiador, “[...] uma onda de indignação e belicosidade varreu a França [...] e todos os Estados alemães se uniram pelo sentimento patriótico que tão habilmente Bismarck havia sabido explorar.” (SOUTO MAIOR, 1974, p.367). Paris foi bombardeada e as regiões da Alsácia e da Lorena foram conquistadas pelo exército prussiano, deixando a França com uma dívida de guerra. O ódio francês em relação aos alemães após o insulto sofrido e o território invadido alimentou gerações com um sentimento de revolta e de asco em relação aos invasores.

É fundamental, portanto, que a leitura do conto de Maupassant seja feita como bem lembra Machado (1995, p.1) “dentro da atmosfera de seu tempo” na qual percebemos “sua preocupação com o efeito do real”. A autora ressalta o fato de que o escritor francês sempre volta ao passado e oferece detalhes das personagens e do momento histórico, a fim de que a narrativa tenha o propósito de reconstrução da realidade.

Para produzir esse efeito, o autor recorre aos lugares existentes e conhecidos de seus leitores, tais como as cidades da região da Normandia, na França: Rouen, Dieppe e Tôtes. Apresenta detalhes da paisagem e dos espaços, além de criar personagens verossímeis dentro dos meios sociais da época. Dessa forma, constrói uma ilusão completa da realidade, contribui para a criação do efeito de real. A personagem feminina Boule de Suif fora inspirada, segundo Troyat (1989, p.88), em uma prostituta que vivera em Rouen, Adrienne Legay; e muitos dos personagens secundários também foram inspirados em pessoas da sociedade “rouenense” da época.

No conto, encontramos dez personagens viajando de Rouen para Dieppe. Dentre os passageiros há um casal para a representação de cada classe social. O casal Loiseau, pequenos burgueses medíocres que, muitas vezes, faltando-lhes a educação da sociedade, são vulgares e grosseiros. O marido é atrevido e a mulher autoritária; aos dois faltam modos e escrúpulos.

O casal Bréville, representação da nobreza e da aristocracia, revela-se como uma dupla interesseira e à mulher não falta retórica ao persuadir Boule de Suif; é ela quem lidera a conversa religiosa a fim de convencer a cortesã a entregar-se e tirá-los do Albergue. Há, ainda, o casal Carré-Lamadon representando a alta sociedade, a burguesia normanda. São hipócritas e gananciosos, apesar de posarem como um casal que preza pela moral, pelos bons costumes, pela *bienséance*. A dupla de religiosas é portadora dos códigos da Igreja Católica, instituição a que Maupassant faz severas críticas. As duas senhoras, hipócritas e preconceituosas, por meio do discurso religioso e da veemência e autoridade com que falam, exercem um papel importante na indução da ação de Boule de Suif. Cornudet, por sua vez, representa sozinho os democratas. Ele é uma personagem que também foge às normas sociais, é um homem político, patriota e revolucionário em suas ideias, principalmente acerca do governo da época. As outras duplas não simpatizam com ele, já que o democrata se afeiçoa a Boule de Suif, mas não se expõe contra os outros ao vê-la persuadida e nem ao menos a consola ao final da narrativa. A décima integrante da diligência é, pois, Boule de Suif, que representa uma classe miserável, sendo uma prostituta mal quista por todos os companheiros da diligência, patriota, religiosa e ironicamente a mais digna entre todas as “boas mulheres”.

Desde o início, o comentário do narrador acerca da natureza humana, como vemos no excerto abaixo, evidencia uma visão crítica das relações humanas e da forma como os indivíduos se estabelecem em um mundo em ruínas. Maupassant questiona a guerra e a luta armada dos indivíduos:

Car la même sensation reparait chaque fois que l'ordre établi des choses est renversé, que la sécurité n'existe plus, que tout ce que protégeaient les lois des hommes ou celles de la nature, se trouve à la merci d'une brutalité inconsciente et féroce. [...] l'armée glorieuse massacrant ceux qui se défendent, emmenant les autres prisonniers, pillant au nom du sabre et remerciant un dieu au son du canon, sont autant de fléaux effrayants qui déconcertent toute croyance à la justice éternelle, toute la confiance qu'on nous enseigne en la protection du ciel et la raison de l'homme. (MAUPASSANT, 1880, p.3-4).

Para o narrador, a guerra é irracional, ilógica e incoerente. Os homens deturpam tanto a religião como o bem, e fazem tudo em nome da espada, com uma “brutalidade inconsciente e feroz”. Cria-se uma atmosfera irracional, um submundo temporário em que os papéis se invertem, as leis naturais são pisoteadas, a justiça torna-se uma forma de dominação, o indivíduo torna-se

um animal brutal e inconsequente. A razão do homem, em tempos de guerra, transforma-se em uma arma da “desrazão”.

Partindo do olhar de narrador onisciente, que detalha a natureza e as circunstâncias, como se relatasse a realidade dos fatos, a descrição vai ganhando contornos. Cria-se em nossa imaginação uma cena bem construída, em que seres maus, sujos e asquerosos decidem invadir Rouen; os habitantes mal saem de casa com medo da invasão e o inverno rigoroso é descrito em detalhes, como se pode ver no trecho abaixo:

Des commandements criés d'une voix inconnue et gutturale montaient le long des maisons qui semblaient mortes et désertes, tandis que, derrière les volets fermés, des yeux guettaient ces hommes victorieux, maîtres de la cité, des fortunes et des vies de par le “ droit de guerre ”. Les habitants, dans leurs chambres assombries, avaient l'affolement que donnent les cataclysmes, les grands bouleversements meurtriers de la terre, contre lesquels toute sagesse et toute force sont inutiles. (MAUPASSANT, 1880, p.3).

A invasão prussiana, retratada em meio a um severo inverno, ratifica a aspereza e a frieza dessa natureza humana. O vento gelado, cortante e violento é um símile das características humanas destacadas em tempos de luta armada, o exterior reflete o interior, ambos austeros, rudes e indiferentes aos seus efeitos e danos. Para o narrador, na guerra não há vitoriosos, a cidade está morta, as pessoas se aprisionam dentro de suas casas, a razão e a sabedoria são inúteis frente ao período terrivelmente *bouleversant*.

Segundo Wellek (1963, p.197), “[...] o realismo, no sentido lato de fidelidade à natureza, é indubitavelmente uma poderosa corrente de tradição crítica e criadora tanto das artes plásticas quanto da literatura.” Essa corrente da literatura é vista como um “reflexo da realidade”, e segundo Lukács (1962), ela é um espelho fiel da sociedade, que mostra e faz reflexões sobre suas próprias contradições. Há também a visão de Auerbach (2013) de que o realismo definiria a realidade contemporânea e estaria, por sua vez, imerso na história. Duranty (apud WELLEK, 1963, p.209-210), nos escritos da revista *Réalisme*, afirma:

A arte deveria dar uma representação verdadeira do mundo real; deveria, portanto, estudar a vida contemporânea e seus costumes pela observação meticulosa e pela análise profunda. E deveria fazê-la desapaixonadamente, impessoalmente, objetivamente.

A partir dessas noções, vemos que o realismo de Maupassant não pode ser considerado como impessoal ou objetivo, pelo contrário, ao penetrar no íntimo das coisas, como aconselha Zola (1995), mesmo pautando-se na documentação histórica e na verossimilhança, o escritor impõe suas intervenções e vai contra o realismo afirmado por Duranty. A sua paixão está centrada na construção da personagem feminina, uma transgressora natural da sociedade que habita.

Ao contrário de uma *demoiselle* bem educada, Élisabeth é uma cortesã *maladroite*. Sua constituição, portanto, está centrada na conservação em parte dos resquícios da sátira clássica, visto que segundo Wellek (1963, p.211), na literatura francesa, “[...] o baixo era conservado no seu lugar: podia ser usado somente na sátira, no burlesco e no cômico [...]”, uma herança do “Antigo Regime”. Ao conservar o burlesco no seu devido lugar, no entanto, entramos aqui em outra questão importante que está ligada ao “senso do real”.

Para Zola (1995, p.24), em “O Senso do Real”, o romancista moderno, naturalista, deveria apresentar “a qualidade mestra”, o seu “senso do real”. Essa expressão, segundo o escritor francês estabelece o “sentir a natureza e representá-la tal como ela é”. O autor critica aqueles que não possuem esse senso e que só conseguem enxergar a natureza com deformidades ou ainda não vê-la devidamente. Para retratar a vida, fazer uma pintura dela, o senso do real se torna necessário, segundo Zola. Essa pintura deve estar intimamente ligada ao conceito de verdade: “As frases, os parágrafos, as páginas, o livro inteiro devem soar a verdade.” (ZOLA, 1995, p.30). E além de estar ligado ao real, o autor deve ser capaz de ver e reproduzir, criando a partir de sua própria personalidade. Cada artista tem uma visão particular, segundo Zola (1995, p.26): “um arredonda os objetos, outro multiplica os ângulos”. Para o autor: “[...] um grande romancista deve ter o senso do real e a expressão pessoal.” (ZOLA, 1995, p.30). A expressão pessoal é algo que para ele é mais do que necessária. Sem esse “dom”, como ele mesmo denomina, o autor será sempre medíocre: “Todo o mecanismo da originalidade encontra-se aí, nessa expressão pessoal do mundo real que nos cerca.” (ZOLA, 1995, p.32).

Para Zola, a descrição deveria ser como um exercício de pintura. O homem não poderia ser descrito fora de seu meio, pois seu coração e seu cérebro não estavam separados das causas ou consequências do meio. Para ele e para a escola naturalista, o estudo humano deve estar diretamente ligado ao meio, ao real e à verdade.

Apesar de a obra de Maupassant não atender diretamente ao programa naturalista, podem-se pensar algumas ideias pertinentes no trato da obra com

o “senso do real”. Para Angela das Neves (2007, p.56), “[...] ainda que a sua obra se distancie do caráter sociológico da obra de Zola, há a tendência de valorização das personagens humildes e da ironia cruel contra os burgueses e os funcionários.”

Seu “senso do real” está ligado ao construto das personagens e do meio social, sob a forma de uma busca da natureza humana mais profunda no trato da vida social. Em Élisabeth Rousset convergem faces dessa busca e instaura-se uma poética do realismo que vai além do exercício de pintura.

Élisabeth Rousset: uma esfinge realista

Para Antonio Candido (1974), a personagem vivifica o enredo, as ideias e os valores da narrativa. É assim que Élisabeth Rousset transforma o contexto em que se encontra, é ela o elemento que fortalece a ironia do conto e os valores postos em questão. Como personagem principal e anti-heroína, intensifica uma visão dos miseráveis e excluídos da sociedade francesa do final do século XIX. Como se não bastasse o fato de ser uma cortesã de poucas maneiras, sua caracterização adentra a própria noção de abjeção, posto que ela é alguém que causa asco, pois é descrita como uma mulher excessivamente corpulenta e sebosa. Do seu grotesco corpo físico emerge, contudo, uma personalidade marcante, adepta ao bonapartismo, religiosa, enérgica e segura de si mesma, ainda que demonstre certa ingenuidade que será pensada mais adiante. O seu contraste entre o aspecto físico e o moral promove as arestas onde se desenrola a ironia ácida do narrador: ora ela é a perturbadora da sociedade e da moral, ora ela é o símbolo de salvação. Como afirma Lukács (1962, p.71): “Em relação à vida, a arte é sempre um ‘apesar de tudo’”; “[...] a criação das formas confirma da maneira mais profunda a existência dessa dissonância.” Élisabeth Rousset encarna essa dissonância, falta de harmonia, que promove o seu lugar intervalar na obra.

No estudo de Muecke (1995) acerca da ironia, este disserta sobre a ironia instrumental, ou seja, aquela em que usamos certas palavras de forma consciente para, em uma melhor análise, significar outra coisa. No conto de Maupassant, os elogios comumente funcionam como ironia instrumental aos personagens, muitas vezes vindos do próprio narrador, como podemos ver no trecho: “*La femme, une de celles appelées galantes, était célèbre par son embonpoint précoce qui lui avait valu le surnom de Boule de suif.*” (MAUPASSANT, 1880, p.9). Aqui, fica claro que o adjetivo “galante” não quer realmente dizer elegante

e distinta, mas sim o contrário. Consta-se esse sentido em sua descrição, dado que sua aparência sebosa será afirmada pelo narrador logo após sua descrição: “*Elle était de plus, disait-on, pleine de qualités inappréciables.*” (MAUPASSANT, 1880, p.10).

Muecke (1995) discorre ainda sobre a ironia observável, em que encontramos uma situação irônica em si mesma. A personagem principal é construída por meio de diversos paradoxos criados tanto pelo narrador, quanto constitutivas do seu próprio “eu”, ironias observáveis em sua composição como pessoa fictícia. Bola de sebo é prostituta, bonapartista, religiosa e sentimental, qualidades que possivelmente não seriam naturais à primeira vista, mas que colaboram para intensificar o seu “ser” irônico.

Para Goethe, “a ironia é aquela pitadinha de sal que, sozinha, torna o prato saboroso”, como cita Thomas Mann (apud MUECKE, 1995, p.19). Maupassant tempera seu conto na medida certa e deixa Boule de Suif ainda mais “*appétissante*” para seus leitores. Como elemento da narrativa, a personagem extrapola os limites da simples caricatura; ela desenrola evidências de complexidade, desde a sua hesitação na escolha até a demonstração de simplicidade e bondade em alguns trechos, ou mesmo a manifestação de caprichos e de dúvidas em outros. Ela é uma personagem focalizada por distintos ângulos e representa uma forma mais próxima da natureza humana. Antes da sua resposta final, Élisabeth experimenta ainda o sentimento de poder, sente-se imponente e importante.

A ironia começa a ganhar espaço logo no início do texto, na passagem do desjejum dentro da diligência. Dentre tantas pessoas inteligentes, somente a, aparentemente, menos perspicaz foi capaz de lembrar-se de levar provisões para algum imprevisto durante a viagem até Dieppe. Todos os outros viajantes se censuram por este fato : “*Comment n’ai-je pas songé à apporter des provisions? Chacun se faisait le même reproche.*” (MAUPASSANT, 1880, p.11). Nessa passagem, Bola de Sebo se torna o centro das atenções, além de que todos têm necessidade de se curvar à “galante” moça, que, pela primeira vez no conto, prova o gosto de ter certa autoridade sobre alguém.

A passagem não seria tão marcante, não fosse o fato de que a personagem é caracterizada de uma forma singular, pois sua aparência é construída através de um vocabulário relacionado aos alimentos. Seus dedos são comparados a salsichas; o rosto a maçãs; a pele reluzente e tensa exalando frescor, como a de uma fruta ou de um alimento. O léxico representa todo esse campo relacionado à comida, o que a torna única, uma vez que é detalhadamente descrita no conto.

A caracterização física e a ausência de maiores dados psicológicos parecem referir-se ao ofício da personagem, como se existisse para ser consumida, degustada como um alimento:

[...] Petite, ronde de partout, grasse à lard, avec des doigts bouffis, étranglés aux phalanges, pareils à des chapelets de courtes saucisses, avec une peau luisante et tendue, une gorge énorme qui saillait sous sa robe, elle restait cependant appétissante et courue, tant sa fraîcheur faisait plaisir à voir. Sa figure était une pomme rouge, un bouton de pivoine prêt à fleurir et là-dedans s'ouvraient, en haut, deux yeux noirs magnifiques, ombragés de grands cils épais qui mettaient une ombre dedans; en bas, une bouche charmante, étroite, humide pour le baiser meublée de quenottes luisantes et microscopiques. (MAUPASSANT, 1880, p.9-10).

Ainda que o narrador não apresente claramente sua vida interior, Boule de Suif é uma personagem forte e densa, apresentando desenvolvimento emocional ao longo do conto. Ela exhibe duas facetas: uma de moça ingênua e outra de quem aprecia e saboreia o poder; ou seja, após uma melhor análise, descobre-se que ela é maliciosa, não tão inocente como somos levados a crer inicialmente. Neste caso, a malícia pode estar associada ao fato de ela ser uma mulher baixa, decadente. Uma mulher assim retratada, miserável, já foi deveras humilhada, rebaixada e menosprezada; portanto, ao ver-se em uma posição de poder, acima de pessoas tidas como “superiores” a ela, prova um pouco do sabor de ser a majestade, posição que deve ser respeitada, venerada e tratada com cuidado, já que ela seria responsável pelo futuro de todos os companheiros.

A ironia do conto centra-se, desde logo, no fato de que ela seja a preferida entre todas as boas mulheres da diligência. A prostituta, com poucos atrativos físicos, repugnante aos olhos do indivíduo comum e dos companheiros de viagem, por ironia do destino, é a escolhida do oficial prussiano, a única salvação, a chance de liberdade. Para as outras mulheres do veículo, ela foi escolhida pela simples razão de ser a única mulher solteira, supondo que o prussiano respeitara as mulheres religiosas e as casadas:

Il est peut-être privé depuis longtemps; et nous étions là trois qu'il aurait sans doute préférées. Mais non, il se contente de celle à tout le monde. Il respecte les femmes mariées. Songez donc, il est le maître. Il n'avait qu'à dire: "Je veux", et il pouvait nous prendre de force avec ses soldats. (MAUPASSANT, 1880, p.27-28).

Fato é que não podemos considerar essa atitude do oficial prussiano como um “ato cristão” de não violar o matrimônio de casais alheios, pois vemos claramente que o oficial escolheu a jovem porque ela chamara sua atenção entre todas as outras.

Boule de Suif caracteriza-se como elemento irônico na medida em que, sendo prostituta, experiente no ramo, não aceita, primeiramente, e de modo algum, deitar-se com o democrata Cornudet, simplesmente por ter no quarto ao lado um alemão: “*Non, mon cher il y a des moments où ces choses-là ne se font pas ; et puis, ici, ce serait une honte. [...] Quand il y a des Prussiens dans la maison, dans la chambre à côté, peut-être?*” (MAUPASSANT, 1880, p.20).

Para Élizabéth, *ces choses-là* seriam uma vergonha, naquela casa e naquela situação. O democrata não compreende seu patriotismo exacerbado; contudo essa passagem é importante para o enredo, pois após esse diálogo antecipa-se o fato de que, para a personagem, deitar-se com um prussiano seria ainda mais vergonhoso, indigno e intolerável. Podemos inferir que ela também se recusa a deitar-se com Cornudet, pois ele era um democrata, enquanto ela uma bonapartista fervorosa. O seu patriotismo e sua escolha política são resolutos: bonapartista de corpo e alma, seria uma traição ao povo francês e a si mesma passar a noite tanto com um democrata, tendo ao lado um inimigo, como com o próprio inimigo: um homem de nacionalidade e ideias opostas: “*Vous lui direz à cette crapule, à ce saligaud, à cette charogne de Prussien, que jamais je ne voudrais; vous entendez bien, jamais, jamais, jamais.*” (MAUPASSANT, 1880, p.24).

A política, vinculada à moral em Boule de Suif, assume um caráter inovador e demonstra que ela afeta profundamente seus valores morais e éticos. Ela não separa os dois lados, pois para ela, deitar-se com um prussiano ou com um democrata, seria admitir outros conceitos, partilhar ideias que contradiriam sua pessoa, trair a si mesma e aos seus valores pessoais e políticos. Falamos aqui de um sentimento profundamente patriótico, que desencadeia uma situação irônica e uma grande crítica do próprio autor: a personagem mais marginalizada, dentre todas as outras classes mais favorecidas, é a única que terá o sentimento patriótico genuíno e arraigado à sua alma e atitudes.

Élizabéth é atacada de todos os lados, por investidas de discurso político e religioso para levá-la a acreditar que o bem maior seria feito se ela cedesse às demandas do oficial. Somente depois de muito pensar, refletir, ser altamente persuadida por todos, salvo Cornudet, é que ela aceita a proposta do oficial, mas não sem antes hesitar e considerar o pedido um tremendo insulto à sua pessoa:

“Elle résista d’abord; mais l’exaspération l’emporta bientôt: ‘Ce qu’il veut? [...] Il veut coucher avec moi!’ cria-t-elle.” (MAUPASSANT, 1880, p.24).

Após as abordagens do conde de Bréville para que Boule de Suif sucumbisse aos desejos do oficial, a cortesã começa a perceber vivamente o desespero de seus companheiros de viagem para que ela os liberte. Ao entender a situação vivenciada por todos, ela hesita nas suas atitudes e acaba mudando de opinião, fortemente influenciada pelos discursos. A demora em decidir sua ação parece prolongar um momento de delícias na situação em que se via superior a todos, tornando evidente o fato de que todos dependiam de sua boa vontade, de seu ato misericordioso. Finalmente, ela se rende ao pedido: *“M. Follenvie, entrant alors, annonce que Mlle Rousset se sentait indisposée, et qu’on pouvait se mettre à table. Tout le monde dressa l’oreille. Le comte s’approcha de l’aubergiste, et tout bas : ‘Ça y est ?’ – Oui.”* (MAUPASSANT, 1880, p.32).

Ao contrário do que esperava, após seu ato de bondade e salvação, nenhum dos seus companheiros de viagem ao menos agradeceu ou reconheceu sua atitude. Todos fingiram não perceber sua presença: *“Personne ne la regardait [...] Elle se sentait noyée dans le mépris de ces gredins honnêtes qui l’avaient sacrifiée d’abord, rejetée ensuite, comme une chose malpropre et inutile.”* (MAUPASSANT, 1880, p.36). Boule de Suif sente-se, conseqüentemente, ultrajada e infeliz: *“Elle se sentait en même temps indignée contre tous ses voisins, et humiliée d’avoir cédé, souillée par les baisers de ce Prussien entre les bras duquel on l’avait hypocritement jetée.”* (MAUPASSANT, 1880, p.35). O descrédito total com sua pessoa e o retorno à sua condição marginal faz da personagem um espelho da hipocrisia social a que estava submetida desde o início.

O discurso religioso, por sua vez, ocupa um papel central no decorrer do conto, pois engendra as aparências e a hipocrisia social. Para Boule de Suif, na sua condição de religiosa e temente a Deus, seria um grande pecado deitar-se com um prussiano, símbolo, para os franceses, de sujeira e asco, como podemos ver no trecho sobre os soldados prussianos, ou nos termos do conto, *“ces gros porcs”*:

Oui, madame, ces gens-là, ça ne fait que manger des pommes de terre et du cochon, et puis du cochon et des pommes de terre. Et il ne faut pas croire qu’ils sont propres. – Oh non! Ils ordurent partout, sauf les respects que je vous dois. (MAUPASSANT, 1880, p.19).

Nesse sentido, encontramos um paralelismo entre as abjeções do “alemão” e da própria prostituta. Ambos são nojentos, asquerosos e rejeitados. De um lado

os prussianos são vistos dessa forma pelo povo francês em geral e principalmente por Élisabeth, que tem um sentimento muito forte de patriotismo francês. Por outro lado, ela é caracterizada dessa forma pelo narrador do conto e é também a visão que seus acompanhantes de viagem têm dela. Ela esbanja uma condição abjeta, um ar de imundice que faz com que todos tenham um sentimento de desprezo por ela, considerando-a moralmente repugnante, assim como também consideram o oficial prussiano. Como seu próprio apelido sugere - “Bola de Sebo” -, somos remetidos a algo sujo e nojento, reforçado pela ideia de que a personagem esteja sempre suando e comendo: ela representa, pois, algo de repulsivo. A construção desse paralelismo é um alicerce da ironia no conto, a personagem não vê a enorme semelhança que tem com o prussiano, mas ambos são ícones do descrédito e da desonra.

Não podemos deixar de mencionar, ainda, um detalhe importante: somente no momento em que o oficial prussiano pede para chamar Boule de Suif, já no meio da narrativa, a fim de fazer seu pedido, é que seu verdadeiro nome é revelado, Élisabeth Rousset. É, portanto, a primeira vez que seu nome aparece no conto e a primeira vez que ela é levada em conta como uma pessoa digna de nota. Chamamos atenção para o fato de que o único a reconhecê-la com admiração é seu semelhante: ainda que seu pedido se constitua de chantagem, é a primeira vez que a personagem é admitida com deferência:

“Mademoiselle Élisabeth Rousset?” Boule de suif tressaillit, se retourna:

“C’est moi.

–Mademoiselle, l’officier prussien veut vous parler immédiatement.

–À moi?

–Oui, si vous êtes bien Mlle Élisabeth Rousset.” Elle se troubla, réfléchit une seconde, puis déclara carrément:

“C’est possible, mais je n’irai pas.” (MAUPASSANT, 1880, p.17).

Quando o discurso religioso entra em cena para convencer Rousset, somos convidados a um teatro encenado pela Condessa e as irmãs religiosas sobre o perdão de Deus, tendo em vista as causas nobres, como o narrador anuncia: *“Tout cela était enveloppé, habile, discret. Mais chaque parole de la sainte fille en cornette faisait brèche dans la résistance indignée de la courtisane.”* (MAUPASSANT, 1880, p.31). Ao utilizar o termo “santa moça”, o narrador exprime a ironia, pois ela também enganava a cortesã e, ainda, apossava-se de argumentos “sagrados” para tal fim. O discurso bíblico é usado como autoridade, a partir dele firma-se o poder de se fazer obedecer e o dever de ser

obedecido por um cristão verdadeiro, por uma devota como Rousset. Aqui vemos as mulheres como sacerdotisas pregando o “Sermão da salvação”.

Evidencia-se nessa passagem uma crítica mordaz aos procedimentos da Igreja Católica, por meio das bondosas irmãs e da condessa devota. Ao longo da narrativa, elas se mantêm em segundo plano, sem grandes intervenções, no entanto, no momento em que buscam convencer a cortesã a realizar a tarefa para que todos sejam beneficiados, parecem renascer das cinzas com grande retórica. Começam as abordagens sobre devotamento e citações bíblicas e antigas, tais como Judite e Holofernes, Lucrecia com Sextus, e Cleópatra.

Judite e Holofernes, personagens da Bíblia Sagrada, aparecem no Antigo testamento, no livro de Judite. Holofernes, capitão do exército de Nabucodonosor, foi mandado às terras israelitas a fim de que desse a esse povo uma lição, visto que desobedeciam ao rei. Holofernes tira-lhes a água e aguarda a rendição dos israelitas. Na mesma noite, o capitão chama Judite, bela israelense, para acompanhá-lo em um banquete junto aos assírios. Ela não recusa, e segundo a Bíblia, adorna-se “*com suas vestes e com todos os seus enfeites femininos*” (BÍBLIA, Judite, 12, 15) e comparece à tenda:

O coração de Holofernes foi arrebatado por ela, seu espírito se agitou. Estava possuído de um intenso desejo de se unir a ela. Desde o dia que a vira, espreitava um momento favorável para seduzi-la. Disse-lhe Holofernes: “Bebe e alegra-te conosco.” Respondeu-lhe Judite: “Beberei, sim, senhor, porque nunca, desde o dia em que nasci, apreciei tanto a vida como hoje. [...] Holofernes ficou fascinado por ela e bebeu tanto vinho como nunca bebera [...] Judite, porém, foi deixada sozinha na tenda com Holofernes, que estava caído em seu leito, afogado em vinho [...] tirou seu alfanje [...] golpeou por duas vezes o seu pescoço, com toda a força, e separou a sua cabeça.

O exército assírio é expulso das terras pelos próprios israelitas e Judite, pois, vinga seu povo das forças assírias através de seu poder de sedução. Ela é considerada pela Bíblia e pelos religiosos uma grande heroína. Esse exemplo é usado para convencer Bola de Sebo a usar suas armas contra o comandante, uma vez que ele estaria “arrebatado” pela cortesã. Nada é declarado explicitamente, mas o exemplo da Bíblia Sagrada de uso da sedução para um bem maior, um bem para toda a nação é mostrado e louvado. As mulheres também citam Lucrecia e Sextus. De acordo com Vieira (2012, p.3):

Suas fontes primárias seriam um trecho dos anais de Roma por Titus Livius e um episódio de Fasti de Ovídio, que contam o mito de Lucrecia, a esposa casta de Collatinus que se mata após ser estuprada por Sextus Tarquinius, filho do rei etrusco de Roma. O corpo da vítima é levado a público, causando uma rebelião e banimento do rei, o que resulta no fim da dinastia etrusca e instauração da República.

Esse mito da Roma antiga mostra “[...] uma escolha racional de pôr fim a uma vida de modo honrado [...]”, pois Lucrecia se mata após relatar o fato ao marido. Segundo a autora, seu suicídio pode ser entendido como:

[...] uma ação justificada e compatível aos conceitos romanos de virtude, tanto para homens quanto para mulheres. Lucrecia se matou de vergonha, preocupada mais com as consequências acarretadas para seu marido do que com a sua própria reputação. (VIEIRA, 2012, p.3).

Lucrecia, então, passou a ser considerada um modelo de castidade e de honra para mulheres cristãs. Ao mencionarem esse mito a Élisabeth Rousset, as mulheres esperavam mostrar que mesmo deitando-se com um homem sem livre escolha, para um bem maior, a mulher seria considerada eternamente casta e vista com bons olhos pela cristandade. Ou ainda, talvez esperassem o seu sacrifício final, pondo fim à sua vida e ao pecado que cometera pelo bem comum, apagando a vergonha alheia em sua própria vida.

Por último, à mesa, no conto, também é citada a história de Cleópatra, rainha egípcia, que por sua vez usou seu corpo como meio de conseguir alianças políticas. A imagem que se quer criar para Boule de Suif, é de um exemplo de mulher sedutora tão poderosa que teve aos seus joelhos dois grandes generais romanos – Júlio César e Marco Antonio. Portanto, Rousset deveria se sentir uma mulher com grande poder de libertação e de sedução, tal como Cleópatra, que seduzira homens para o bem do Egito. E ao longo da conversa, citaram vários exemplos modelares de mulheres que conquistaram através do corpo:

On cita toutes les femmes qui ont arrêté des conquérants, fait de leur corps un champ de bataille, un moyen de dominer, une arme, qui ont vaincu par leurs caresses héroïques des êtres hideux ou détestés, et sacrifié leur chasteté à la vengeance et au dévouement. (MAUPASSANT, 1880, p.29).

Mais tarde é a vez das irmãs religiosas contarem sobre os santos e seus feitos louváveis. Diziam que muitos atos seriam crimes entre os homens, no entanto, quando praticados para o bem do próximo, seriam absolvidos pela Igreja Católica sem dificuldade. As irmãs relembram, pois, o sacrifício de Abraão:

[...] la vieille religieuse apporta à la conspiration un formidable appui. On la croyait timide, elle se montra hardie, verbeuse, violente. Celle-là n'était pas troublée par les tâtonnements de la casuistique; sa doctrine semblait une barre de fer; sa foi n'hésitait jamais; sa conscience n'avait point de scrupules. Elle trouvait tout simple le sacrifice d'Abraham, car elle aurait immédiatement tué père et mère sur un ordre venu d'en haut; et rien, à son avis, ne pouvait déplaire au Seigneur quand l'intention était louable. La comtesse, mettant à profit l'autorité sacrée de sa complice inattendue, lui fit faire comme une paraphrase édifiante de cet axiome de morale: "La fin justifie les moyens." (MAUPASSANT, 1880, p.30).

A senhora se mostra audaz e violenta ao adicionar um argumento à conspiração geral, e segundo as próprias palavras do narrador “sua consciência não tinha nenhum escrúpulo”. O sacrifício de Abraão é contado na Bíblia Sagrada (Gênesis, 22): Deus pedira a Abraão seu filho em sacrifício, e sem desobedecer às ordens divinas, Abraão leva o garoto até a montanha e ao apanhar o cutelo para matá-lo, Iahweh o chama e concede-lhe a graça de não precisar mais realizar o sacrifício. Por não recusar seu único filho ao poder divino, Deus lhe concedeu bênçãos e prosperidade: “Por tua posteridade serão abençoadas todas as nações da terra, porque tu me obedeceste.” (BÍBLIA, Gênesis, 22). Portanto, com esse argumento, a irmã põe em questão que a ordem divina deve ser sempre obedecida imediatamente e sem contestação, enfatizando, por fim, a máxima: “O fim justifica os meios”. No entanto, o que parece ser mais convincente é a questão da condessa:

Alors, ma soeur, vous pensez que Dieu accepte toutes les voies, et pardonne le fait quand le motif est pur?

– Qui pourrait en douter, madame? Une action blâmable en soi devient souvent méritoire par la pensée qui l'inspire. (MAUPASSANT, 1880, p.30).

Com todos esses argumentos “divinos” e sórdidos, pois eram todos modelados a fim de convencer Bola de Sebo a se deitar com o oficial prussiano, para o bem de todos, Élisabeth não se pronuncia em nenhum momento. Nota-se, no entanto, que operaram uma mudança em seu interior. Em meio à

persuasão de um bem maior, o sexo passa a ser puro e divino para a liberdade dos outros. Há, contudo, a repulsiva ética da conveniência, posto que ela tenha de trair todos os seus valores e crenças, deitar-se com alguém totalmente contra a sua vontade e liberar seus colegas daquela tediosa prisão. A conveniência é demasiadamente oportuna, vantajosa, mesmo que para ela fosse um crime hediondo. Todos os companheiros de viagem, exceto Cornudet, lutaram com palavras e discursos para que Rousset caísse na armadilha. E logo depois de haverem semeado a ideia - *“On donnait à la graine semée la veille le temps de germer et de pousser ses fruits.”* (MAUPASSANT, 1880, p.31) - , a personagem, para sua posterior decepção, cede aos desejos do prussiano.

Com o sucesso da operação, os colegas decidem comemorar a vitória e abrem um champanha sem demonstrar o menor sentimento pelo sacrifício da cortesã que ocorria ao mesmo tempo nos andares superiores do albergue:

“Saperlipopette! je paye du champagne si l'on en trouve dans l'établissement”; et Mme Loiseau eut une angoisse lorsque le patron revint avec quatre bouteilles aux mains. Chacun était devenu subitement communicatif et bruyant; une joie égrillarde emplissait les coeurs. Le comte parut s'apercevoir que Mme Carré-Lamadon était charmante, le manufacturier fit des compliments à la comtesse. La conversation fut vive, enjouée, pleine de traits. (MAUPASSANT, 1880, p.32).

Um acontecimento simbólico ocorre no momento de comemoração, as duas irmãs religiosas consentem em molhar os lábios na bebida alcoólica, líquido que nunca haviam experimentado antes. Esse momento revela a corrupção entranhada nos membros da Igreja Católica e sua ideologia sempre a serviço das classes dominantes. Vejamos o momento efêmero em que se deixa transparecer esse “ato falho” das irmãs:

Loiseau, lancé, se leva, un verre de champagne à la main: “Je bois à notre délivrance!” Tout le monde fut debout; on l'acclamait. Les deux bonnes soeurs, elles-mêmes, sollicitées par ces dames, consentirent à tremper leurs lèvres dans ce vin mousseux dont elles n'avaient jamais goûté. Elles déclarèrent que cela ressemblait à la limonade gazeuse, mais que c'était plus fin cependant. (MAUPASSANT, 1880, p.33).

Pautados na indiferença com seus sentimentos, os colegas de viagem se mostram egoístas por pensar somente em si, e isso acontece desde o início do conto. No momento de comemoração, música, pois poderiam dançar uma

quadrilha, ignorando completamente o sacrifício. Conscientes do trauma para Élisabeth de se deitar com o oficial, a pequena sociedade viajeira não demonstra o mínimo tato ou compreensão; para eles, Boule de Suif era uma prostituta comum e não deveria recusar aquele pedido, ainda mais sendo esse o seu ofício. Com isso, vemos o quanto os viajantes do conto são mesquinhos, indiferentes e hipócritas: “*Nous n’allons pourtant pas mourir de vieillesse ici. Puisque c’est son métier à cette gueuse, de faire ça avec tous les hommes, je trouve qu’elle n’a pas le droit de refuser l’un plutôt que l’autre.*” (MAUPASSANT, 1880, p. 27).

Cruelmente marginalizada, esquecida, sem nenhum olhar de agradecimento, trataram-na como um objeto impuro e totalmente indesejado para estar em sua companhia:

Elle semblait un peu troublée, honteuse; et elle s’avance timidement vers ses compagnons, qui, tous, d’un même mouvement, se détournèrent comme s’ils ne l’avaient pas aperçue. Le comte prit avec dignité le bras de sa femme et l’éloigna de ce contact impur. La grosse fille s’arrêta, stupéfaite; [...] Tout le monde semblait affairé, et l’on se tenait loin d’elle comme si elle eût apporté une infection dans ses jupes. (MAUPASSANT, 1880, p.34-35).

Assim, o autor francês ataca a grande hipocrisia das pessoas e, principalmente, da pequena burguesia do século XIX. Ao final, portanto, há a situação irônica de que o mundo não mudou e de que as pessoas, mesmo depois de um gesto feito para o coletivo, permanecem as mesmas, na idêntica santa hipocrisia do início do conto. O mundo se mantém como é. Boule de Suif, decepcionada, desacatada e com o sentimento de ter sido usada, entende que seu sacrifício não valera a pena. Élisabeth Rousset, ao final, continua a viagem em choro tímido, evitada por todos, até mesmo por Cornudet, que assovia a Marselhesa, em total desprezo.

Considerações finais

O conto “*Boule de Suif*” espelha a sociedade em sua realidade, mostra seus defeitos e contradições. De acordo com Pogolotti (1974, p.18), o realismo deveria: “[...] *desgarrar las máscaras y mostrar al hombre en su grotesca desnudez.*” Maupassant desnuda a realidade e, ainda, o faz de modo parcial, revelando, por meio da constante presença de seu narrador, suas opiniões sobre as profundezas do ser humano.

Em Boule de Suif convergem os aspectos do grotesco e do burlesco. Rousset, como vimos, foi alvo dos interesses de uma sociedade hipócrita e mesquinha. Dentro do meio em que é criada destaca-se por ser uma construção surpreendente e extraordinária. Tendo sido criada, inicialmente, como motivo de riso e toça, termina, no desenlace cruel de sua história, comovendo o leitor que se sente rancoroso com o mundo dos homens. Nessa perspectiva, o impacto da História na construção da narrativa cumpre sua função, pois nos leva além do período da invasão prussiana, nos conduz ao centro do indivíduo.

Muecke (1995, p.115) cita em seu livro uma ideia de Schopenhauer de que a “[...] tarefa do romancista não é narrar grandes eventos, mas tornar interessantes os pequenos.” A lição é bem apreendida por Maupassant, que narra um evento pequeno que acontece em poucos dias e que ganha dimensões com o decorrer da trama e com ações nada dignas das personagens. A personagem feminina torna-se, através de seu corpo abjeto, o único objeto de desejo do outro e a salvação de uma sociedade corrompida pela ética e pela moral decadente. O sacrifício de Abraão cede lugar a um sacrifício físico degradante que apenas ratifica o poder de influência e autoridade das classes dominantes e a sua completa hipocrisia no trato do humano.

The construction of the female character in “Boule de suif”

ABSTRACT: *Focusing specifically on the female character of the short story “Boule de Suif”, published by Maupassant ten years after the Franco-Prussian War, in 1880, we have found a special relation between the fact that it is about a courtesan and that of her function in the work, connected to politics, to religion, to the values of heroism and the behavior which it establishes. What is particularly interesting to us is the irony that builds the character, the hypocrisy encrusted in the society of the time, and some symbols that involve its construction. To accomplish our aim, we count on the support of some theories already known, such as the analysis and the theoretical study of Irony and the ironic by Muecke; Theory of Romance by Lukács; and Concepts of Criticism and History of Modern Criticism by Wellek, although our work has as its specific focus the function of the female character as a web that intertwines the relations present in this short story.*

KEYWORDS: *French Literature. Maupassant. Character. Irony. Historiography.*

REFERÊNCIAS

AUERBACH, E. **A novela no início do Renascimento**: Itália e França. Tradução de Tércio Redondo. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.

BÍBLIA. A. T. Gênesis. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução de Domingos Zamagna. São Paulo: Editora Paulus, 2006a. p.33-50.

_____. Judite. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução de Benjamin Carreira de Oliveira. São Paulo: Editora Paulus, 2006b. p. 682-700.

CANDIDO, A. A personagem do romance In: CANDIDO, A. et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1974. p.51-80.

LUKÁCS, G. **Teoria do romance**. Tradução José Marcos Mariani de. Macedo. Lisboa: Editorial Presença, 1962.

MAUPASSANT, G. de. **Boule de Suif**. 1880. Disponível em: <<http://www.inlibroveritas.net>>. Acesso em: ago. 2012.

MACHADO, G. M. O discurso realista em Guy de Maupassant. **Revista Lettres Françaises**, Araraquara, 1, p.59-66, 1995.

NEVES, A. das. **A volta do Horla**: a recepção de Guy de Maupassant no Brasil. 2007. 288 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

_____. Guy de Maupassant, um ilusionista das letras francesas. **Cadernos de Pós Graduação em Letras** (Online), v. 12, p. 1-13, 2012. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/Pos/Cadernos_texto_2.pdf>. Acesso em: ago. 2012.

MUECKE, D.C. **Ironia e o irônico**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1995.

POGOLOTTI, G. Al lector. In: MAUPASSANT, G. **Cuentos de Guy de Maupassant**. Series Biblioteca del Pueblo. La Habana: Editorial de Arte y Literatura, 1974. PXII – XXVI.

SOUTO MAIOR, A. **História Geral**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

TROYAT, H. **Maupassant**. Paris: Flammarion, 1989.

VIEIRA, M. de P. Lucrécia, Lucretia e Artemísia: a (des)honra de viver. **Em Tese**, Belo Horizonte, v.18, n.2, 2012. Disponível em:

< <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/issue/view/157/showToc> > . Acesso em: set. 2013.

WELLEK, R. **Conceitos de crítica**. Tradução de Oscar Mendes. São Paulo: Cultrix, 1963.

ZOLA, É. O Senso do Real. In: _____. **Do romance**: Stendhal, Flaubert e os Goncourt. Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário; Editora da Universidade de São Paulo, 1995. p.23-48.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABRY, B.; AUDIC, C.; CROUZET, P. **Histoire illustrée de la Littérature Française**. Paris: Editeur Didier, 1926.

NEVES, A. das. Releituras de Guy de Maupassant. **Revista Lettres Françaises**, Araraquara, n.9, p.23-40, 2008.

PLINVAL, G. de. **História da literatura francesa**. Tradução de Ilídia Ribeiro Pinto Portella. Lisboa: Editora Presença, 1982.

THIBAUDET, A. **História da Literatura Francesa**. São Paulo: Ed. Martins, 1951.

WELLEK, R. **História da crítica moderna**: o final do século XIX. Tradução de Lívio Xavier. São Paulo: EDUSP, 1972.



